

## Briga na casa da Jandira

Gustavo Cerqueira Guimarães \*

Quando o amigo bateu à porta do quarto,  
acordei assustado, já na hora do Galo.

Jandira mandou recado: era dia de jogo  
em sua casa, despedida do inverno rigoroso.  
O time na tela, sem o Cuca, surge no túnel.  
À mesa, o pão e o vinho, mas um clima inútil.

Cedo, a roda azeda, prestes a se romper,  
forças de repulsão que não nos dão prazer.  
Redelvim e Jandira são esquerda, sem véu,  
Glicério e Silviano são fascistas pra dedéu.

Quando a amiga ligou o YouTube no intervalo,  
dançamos ao som dos clipoemas do Galo.

É uma verdadeira descida dos meus altiplanos  
vir conversar com vocês, disse Silviano,  
melhor aumentar o volume da televisão  
vamos golear estes bolivianos, não?

Uns me tacham isentão, útil ao capital,  
Outros reprovam meu afã plebeu, afinal.  
Eu e Florêncio, mudos, à margem do debate,  
mas na hora H, confie, haverá o desempate.

Quando nos tocamos, o jogo já tinha acabado,  
nos desligamos de tudo, inclusive do Galo.

\* \* \*



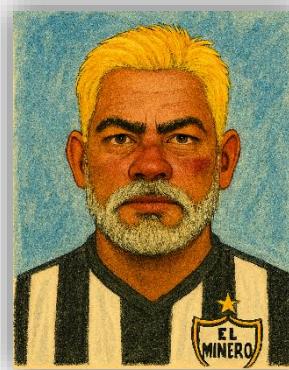
Briga na casa da Jandira: El Minero x Bolívar | Cliopoema 12.  
**Clique na imagem ou no link** (YouTube): <https://bit.ly/4gnThfa>.

Gustavo Cerqueira Guimarães é autor da série de narrativas *El Minero*, publicada no portal *Ludopédio* (São Paulo) durante as campanhas do Atlético Mineiro na Copa Libertadores (2016, 2017 e 2019) e retomada em verso em 2024 e 2025 – nesta última, pela Copa Sul-Americana.

A partir de *O amanuense Belmíro*, do montes-clarense Cyro dos Anjos, romance de 1937 ambientado em Belo Horizonte, o personagem homônimo adquire progressiva autonomia: seus dilemas pessoais e suas observações do cotidiano passam a se sobrepor à narrativa das partidas, sem, contudo, delas se desvincular.

Nessa travessia, Miro elabora uma poética de circunstância que explora diferentes linguagens – da crônica e da poesia à música, à inteligência artificial, à fotografia e ao vídeo.

Em “Briga na casa da Jandira”, que aborda o 12º jogo do Atlético pela Copa Sul-Americana deste ano, válido pelas quartas de final, em Belo Horizonte, contra o Bolívar, o futebol funciona como pano de fundo para o desenrolar de tensões afetivas e políticas. O vídeo mostra uma inusitada performance futebolística mirim em câmera lenta, que reforça o deslocamento poético da narrativa. O espaço doméstico de Jandira, inicialmente preparado para a celebração coletiva do jogo, transforma-se em arena de polariza-



ção ideológica, reavivando personagens belmirianos em suas posições originais: Glicério e Silviano, reacionários, frente a Redelvim e Jandira, à esquerda.

Nesse contexto conflituoso, surgem lampejos de trégua no intervalo da partida, quando os personagens escutam música no YouTube: “dançamos ao som dos clipoemas do Galo”. A voz que se encena, ora neutra, ora crítica, desloca o foco da esfera política para a intimidade, sugerindo que a experiência comum – embora frágil – ainda resiste: “nos desligamos de tudo, inclusive do Galo”.

\* \* \*

\* Gustavo Cerqueira Guimarães é professor, pesquisador, editor e poeta, criador de Miro Borba, poeta do Galo, sobrinho-neto de Belmíro Borba – melancólico protagonista d’*O amanuense Belmíro* (1937), de Cyro dos Anjos. Miro herdou de seu tio-avô não apenas os diários inéditos, mas também a casa no Prado, em Belo Horizonte, além da verve imaginativa e do espírito contemplativo.

Sua figura, com a prótese que substitui o braço perdido na aterrissagem na Pampulha após o retorno de um jogo do Galo, integra a moldura estética do personagem. Na arquibancada, Miro observa gestos, ruídos e tensões de torcedores, convertendo o jogo em espaço de linguagem, onde épico e crônica, vivido e invenção se tocam.

Em 2018, Miro tornou-se personagem da vídeo-performance *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (CineFoot, 2018).